



UCRÂNIA / Serguei Lavrov, chanceler de Putin, abandona reunião nas Nações Unidas depois de acusar o Ocidente de encobrir crimes do regime de Kiev. Zelensky insta russos a protestarem contra recrutamento. Kiev e Moscou trocam prisioneiros de guerra

Isolamento crescente

» RODRIGO CRAVEIRO

Manifestações contra a convocação de 300 mil reservistas, detenções em massa e a fuga de homens russos do país marcaram o primeiro dia de alistamento dos combatentes que reforçaram as tropas de Vladimir Putin na Ucrânia. No campo diplomático, as ameaças do presidente de usar armas nucleares contra o Ocidente aprofundaram o isolamento da Rússia. O chanceler Serguei Lavrov abandonou uma reunião extraordinária a nível ministerial no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), depois de refutar denúncias de abusos cometidos pelas forças de seu país. “Os Estados Unidos e seus aliados, com o conluio de organizações internacionais de direitos humanos, estão encobrindo os crimes do regime de Kiev”, declarou, ao chamar o governo de Volodymyr Zelensky de “Estado totalitário nazista”.

Durante o encontro do Conselho de Segurança, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, advertiu: “A ordem internacional que tentamos salvar aqui está sendo destruída diante de nossos olhos”. “Não podemos deixar o presidente Putin se safar”, acrescentou. O chefe da diplomacia de Washington disse que Moscou busca “derramar óleo sobre o fogo”, ao anunciar referendos para a anexação de quatro regiões da Ucrânia: Donetsk e Luhansk, no leste; e Zaporizhzhia e Kherson, no sul.

Por sua vez, o próprio presidente Zelensky instou os russos a protestarem contra a mobilização de reservistas ou a se renderem. “Cinquenta e cinco mil soldados russos morreram nesta guerra em seis meses (...) Querem mais? Não? Então, protestem! Lutem! Fujam! Ou se rendam” ao Exército ucraniano, afirmou, em russo, em uma mensagem por vídeo. “São suas opções

de sobrevivência”, acrescentou, ao citar que o Kremlin pretende convocar 1 milhão de soldados.

O Estado-Maior Conjunto da Rússia anunciou que cerca de 10 mil pessoas se apresentaram, entre quarta-feira e ontem, de forma voluntária para combaterem na Ucrânia. Em imagens publicadas nas redes sociais, supostamente na cidade de Yakutia (Sibéria), homens com a expressão cerrada abraçavam familiares e alguns choravam, antes de embarcarem em ônibus. Somente anteontem, protestos contra o recrutamento foram registrados em 38 cidades russas, com a prisão de 1.332 pessoas.

Ontem, Ucrânia e Rússia concluíram uma grande troca de prisioneiros com Moscou, a qual envolveu 215 prisioneiros militares ucranianos, incluindo comandantes do Batalhão de Azov, que estavam amotinados na usina siderúrgica Azovstal de Mariupol. Do lado russo, 55 militares retornaram ao país, segundo o Ministério da Defesa da Rússia.

Um alto funcionário de Kiev disse que “muitos” prisioneiros ucranianos foram “brutalmente torturados” no cativeiro. “Há pessoas cuja condição física é mais ou menos normal, além da desnutrição crônica devido às más condições de detenção”, relatou Kyrylo Budanov, encarregado do Departamento de Inteligência do Ministério da Defesa ucraniano, que participou da organização da troca de prisioneiros. O ministro do Interior, Denys Monastyrsky, assegurou que “absolutamente todos” os ucranianos trocados “precisam de reabilitação psicológica”.

Ao reforçar as ameaças de uso de armas nucleares feitas por Putin, o ex-presidente russo Dmitry Medvedev, número dois do Conselho de Segurança do país, garantiu que a Rússia está preparada para lançar um ataque atômico contra o Ocidente em caso de necessidade. “Os mísseis hipersônicos russos são capazes de atingir alvos

Bryan R. Smith/AFP



Lavrov deixa encontro ministerial do Conselho de Segurança da ONU, em Nova York: pressão de todos os lados

Serviço de Segurança da Ucrânia/AFP



Prisioneiros de guerra posam com a bandeira ucraniana, após troca

na Europa e nos Estados Unidos muito mais rápido do que as armas ocidentais”, disse.

Insatisfação

Pesquisador e doutorando da Universidade de São Paulo (USP), Cesar Albuquerque disse ao **Correio** que o contexto da guerra apresenta um movimento

interessante, marcado pelo fortalecimento dos protestos contra o governo russo e de êxodo dos jovens. “São reservistas que não têm treinamento militar e não desejam se envolver no conflito”, explicou. “Isso mostra o crescimento da insatisfação popular dentro da Rússia contra a guerra. É preciso avaliar como esse movimento ganhará corpo,

mas ele tem impacto direto na sustentabilidade política do próprio Putin.”

Além da pressão da comunidade internacional, com a aplicação de sanções, o chefe do Kremlin precisa lidar com a oposição interna. “Isso coloca o seu cargo em xeque. A posição do presidente está cada vez mais prejudicada. Zelensky pretende fortalecer esse movimento, não apenas por meio do suporte do Ocidente, mas da busca por apoio contra o governo russo”, disse Albuquerque. Ele admite que a dificuldade em mobilizar os reservistas pode ampliar a fragilidade de Putin internamente.

De acordo com o ucraniano Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Putin não vê um caminho claro para a vitória militar. “Ele precisa deter a contraofensiva da Ucrânia. Perder mais territórios é a grande ameaça para o Kremlin e para o próprio poder do presidente”, afirmou à reportagem.

Palavra de especialista

"O momento mais sensível"

“Em termos pragmáticos, creio que as armas de destruição em massa seriam usadas como última estratégia, caso os avanços do Exército ucraniano chegassem às fronteiras russas ou a posição de Putin fosse prejudicada ao extremo, com risco de ele perder o poder. O que pode ocorrer, no médio prazo, seria o emprego de armas atômicas de baixo poder de destruição. Elas ainda assim causaria um estrago muito grande.

Em relação ao conflito, considero este momento como o mais sensível para a Rússia. Além das perdas, Moscou enfrenta dificuldades de mobilização de reservistas e o fortalecimento de um movimento crítico à guerra dentro da Rússia. Esse contexto é reforçado pela crise econômica, em consequência das sanções ocidentais, e pela insatisfação da população em enviar jovens destreinados para lutar em um front onde o resultado não tem sido positivo. Este é o momento mais negativo para a Rússia.”

Cesar Albuquerque, pesquisador e doutorando da Universidade de São Paulo (USP)

Arquivo pessoal



IRÃ

Mulheres se revoltam e queimam o hijab

Os protestos após a morte de Mahsa Amini — a jovem iraniana de 22 anos presa pela polícia da moral, em 16 de setembro, por usar o *hijab* (véu islâmico) de maneira inapropriada — se espalharam por mais de 50 cidades do Irã e foram reprimidos com violência. Até o fechamento desta edição, 31 pessoas tinham morrido durante as manifestações contra o regime teocrático dos aiatolá. Nos últimos seis dias, em um gesto desafiador, mulheres publicaram nas redes sociais fotos em que aparecem cortando os cabelos. No entanto, foram os vídeos de hijabs lançados ao fogo que viralizaram na internet.

Ontem, o Departamento do Tesouro dos EUA responsabilizou a polícia moral do Irã pela morte de Mahsa Amini e anunciou sanções econômicas à instituição, sob a justificativa de “abusos e violência contra as mulheres iranianas e violação dos direitos dos manifestantes iranianos pacíficos”. À margem da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, o presidente do Irã, Ebrahim Raisi, prometeu investigar o caso Amini e acusou o Ocidente de “hipocrisia” por exacerbar preocupações. “Certamente será investigada”, disse Raisi a jornalistas, ao apontar que os relatórios oficiais descartaram abusos da polícia.

Uma das primeiras mulheres iranianas a se levantar contra o uso do hijab, em 2018, Maryam Shariatmadari, 37 anos, foi presa e torturada, antes de fugir para o Canadá. Em entrevista ao

Eu acho...



Peter Bernsen/AFP

“Todos os protestos foram provocados pela morte de Mahsa Amini. No entanto, o regime iraniano privou os cidadãos dos mais básicos direitos humanos por muitos anos. O regime não é apenas uma ditadura que controla a liberdade de expressão, mas também interfere nas partes mais privadas da vida das pessoas. As autoridades decidem o que você deve vestir, o que deve beber e comer. A combinação de um regime opressivo, incompetente e corrupto deixa as pessoas muito nervosas.”

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização não-governamental Iran Human Rights



Arquivo pessoal

“Centenas de milhares de iranianos estão nas ruas para obterem seus direitos. Viver 43 anos sob uma ditadura religiosa mostrou-lhes que eles têm de conquistar esses direitos nas ruas. Tentamos isso de todas as formas. Durante esses 43 anos, o regime brutal matou centenas de milhares de pessoas. Em 2019, eles cortaram a internet e mataram mais de 1.500 pessoas em apenas três dias. Agora, fazem o mesmo: bloqueiam a internet e assassinam os cidadãos.”

Maryam Shariatmadari, 37 anos, ativista iraniana, pioneira na luta contra o uso do hijab

Precisamos de ajuda.”

Diretor da ONG Iran Human Rights (em Oslo), Mahmood Amiry-Moghaddam disse à reportagem que os protestos contra a morte de Mahsa Amini foram a última gota que transbordou do corpo d’água. “Os iranianos têm vivido sob esse regime por mais de 40 anos. Algumas das pessoas que saíram às ruas nasceram durante o regime e se identificaram com Mahsa. A maioria das mulheres iranianas

foi assediada pela polícia da moral. Elas têm medo quando veem uma viatura. O assassinato de Mahsa as deixou tão irritadas que decidiram se expressar. Não se importam mais se as autoridades estão armadas e se dispararão contra elas”, afirmou o ativista, baseado em Oslo.

Para Amiry-Moghaddam, as iranianas escolheram queimar o hijab por entendê-lo como “símbolo da autoridade dos iranianos”. “O véu islâmico tornou-se o

Twitter/Reprodução



Iraniana lança véu ao fogo, durante ato em Sari, no norte do país

próprio regime. Por isso, as mulheres estão lançando-o ao fogo. É uma forma de mostrar sua raiva por mais de quatro décadas de opressão. Elas estão nas ruas para conseguirem seus direitos humanos fundamentais e sua dignidade”, observou.

O ativista lembra que, ao contrário de protestos anteriores, a revolta expressa pelos iranianos parece muito maior. “Temos seguido a situação no Irã por mais de 15 anos. Nunca vi o povo tão

irado e com tão pouco medo. Vale lembrar que a Primavera Árabe começou na Tunísia depois de um homem se autoimolar. Se as autoridades iranianas não tiverem êxito em suprimir os protestos, eles continuarão. Estamos preocupados, pois sabemos que o regime é capaz de matar o maior número de pessoas. A internet foi bloqueada em grande parte do Irã. Tememos um banho de sangue”, advertiu Amiry-Moghaddam. (RC)